

## O cenário e os personagens



A guerra civil começou a devastar a Rússia soviética em 26 de outubro de 1917 e suas últimas convulsões sacudiram a Sibéria extremo-oriental no verão europeu de 1922. Portanto, ela durou mais de quatro anos e meio. Quando terminou, o país estava totalmente arruinado, exangue, esgotado, faminto. Como uma terrível seca assolou o sul e o leste do país no verão de 1921, as destruições e os danos da guerra civil provocaram uma grande fome que ressuscitou o canibalismo e resultou, no inverno de 1921-1922 e na primavera de 1922, em centenas de milhares de mortos no sul do país, na região do baixo Volga.

Ao falar da guerra civil, os historiadores citam dados alucinantes de mortos, vítimas das operações militares, das epidemias (tifo e cólera) e da fome que ela provocou: o historiador russo Viktor Danilov calcula 8 milhões de mortos; o alemão Manfred Hildermaier, entre 9 e 10 milhões; o historiador russo Leon Poliakov, cerca de 13 milhões; já o jornalista Vadim Kozhinov estima em 20 milhões o número “das vítimas da revolução” (na acepção ampla desse termo).

Todavia, os métodos empregados para fazer esses cálculos requerem prudência. Vadim Kozhinov baseia seus cálculos sobretudo na cifra de 7 milhões de *bezprizorniki* (crianças abandonadas e órfãs de pai e mãe) e



dela deduz que os pais dessas crianças morreram durante a guerra civil. Além de o número de *bezprizorniki* ser de 4,5 e não de 7 milhões, havia na Rússia czarista 2 milhões de crianças abandonadas ou, mais raramente, órfãs, que vagavam pelas ruas das cidades e vilarejos às vésperas da Primeira Guerra Mundial, em 1913. A proletarização acelerada multiplicava o abandono de crianças sem raízes. Os anos de guerra civil, as migrações e a fome decuplicaram os abandonos de “bocas inúteis”. Os cálculos se baseiam, em seguida, nas comparações entre os dados da população em 1913 e em 1922. Porém, durante a guerra civil, mais de 2 milhões de cidadãos deixaram o Império Russo sem passar pelos serviços soviéticos e, portanto, sem deixar nenhum registro.

Na realidade, segundo os cálculos do demógrafo mais confiável, A. G. Volkov, a população da Rússia soviética, entre o início de 1918 e 1922, diminuiu 7 milhões. Eliminando desse número 2 milhões que emigraram e a diferença de cerca de 400 mil entre as entradas e saídas de prisioneiros e fugitivos diversos, chega-se a uma cifra de 4,5 milhões de mortos durante a guerra civil, ou seja, um pouco mais de 3% da população. Segundo Zdorov, essa cifra é, percentualmente, da mesma ordem de grandeza que a da Guerra Civil Americana. As perdas militares representaram, então, 1,96% do número de habitantes, sem contar as pesadas perdas civis, jamais calculadas.

Ainda segundo ele, os dois principais campos historiográficos tinham interesse em inflar os dados das perdas da guerra civil:

Na historiografia soviética, o aumento do número de perdas provocadas pela guerra civil e pela intervenção (estrangeira) ajudava a justificar a crise econômica do início dos anos 1920, o desmoronamento do sistema de “comunismo de guerra” e a passagem à Nova Política Econômica. Entre os defensores contemporâneos do sistema deposto pela revolução, a majoração das perdas serve para provar o caráter vicioso e criminoso da revolução enquanto tal.

Suas consequências políticas são igualmente importantes: confrontando todas as forças do país em um combate implacável até o fim, a guerra civil excluiu toda forma de neutralidade, aniquilou qualquer força intermediária e, assim, engendrou o sistema do partido único. Ao final de uma guerra mundial que reduziu o valor da vida humana a zero, essa guerra civil

também se revestiu com frequência de formas muito cruéis. Em um debate na revista russa *Novy Mir*, de agosto de 2001, um antigo dissidente, Grigori Pomerantz, discutindo com um sacerdote ortodoxo monarquista e violentamente anticomunista, declarava a seu interlocutor: “O senhor afirma que a amplitude do terror vermelho era terrível e incomparável com o terror branco. Todos dizem isso, inclusive o general Grigorenko;<sup>1</sup> no entanto, este levanta uma questão: por que os habitantes do seu vilarejo que haviam sofrido os dois terrores tomaram o partido do terror vermelho e condenaram o terror branco?”

De fato houve terror branco, terror vermelho e, deve-se acrescentar, terror verde contra os Brancos e mais ainda contra os Vermelhos. Por que, entre os três, a população, na maioria camponesa, pendeu finalmente para os Vermelhos? Pomerantz descarta de saída uma explicação que atribua a causa disso à violência:

Acreditem em um soldado da guerra: jamais uma batalha foi ganha pelo terror. O terror é um recurso auxiliar no combate; o fator decisivo é o entusiasmo. Os Brancos estavam dispostos a dar a vida sem reservas, mas os Vermelhos também estavam dispostos, os primeiros pela santa Rússia, os outros pelo poder dos soviets, por um mundo sem mendigos e sem enfermos.

Por fim, esse conflito estava no centro de uma “guerra civil internacional”, que envolvia muitos governos (alemão, inglês, francês, americano, japonês, tchecoslovaco, polonês, romeno, grego, italiano) e, como aliados dos Vermelhos, húngaros, chineses, alemães e coreanos. Churchill resumiu a situação com a seguinte fórmula: “Matar o ‘bolchevique’ e beijar o huno”. O governo inglês armou e abasteceu o almirante Kolchak e seu Exército Branco na Sibéria; o governo francês, o Exército Branco de Denikin e, depois, de Wrangel, no sul. A guerra soviético-polonesa da primavera-verão europeia de 1920 é um símbolo disso: o ataque polonês e o “milagre do Vístula”, que empurra por quase 400 quilômetros a contraofensiva até então vitoriosa do Exército Vermelho, são organizados com o controle diário do estado-maior francês, representado pelo general Weygand e pelo capitão De Gaulle.

Essa guerra civil social e internacional, no país das revoltas camponesas de Stenka Razin e de Pugachev, foi feroz e impiedosa. O monarquista cristão Oleg Volkov, cujo pai dirigia uma grande fábrica de armamentos,

lembra-se com horror: “Das profundezas das massas populares, elevava-se algo aterrorizante, que despertava a lembrança das revoltas vivenciadas por nossos antepassados.” Um banqueiro declarou, na época, a seu pai: “Perto do incêndio que se alastra na Rússia, a revolta de Pugachev e as insurreições de 1793 parecerão distúrbios insignificantes.”

Outubro de 1917 é o produto desse movimento irresistível e descontrolado que brota, como diz Volkov, “das profundezas das massas populares” e que, decuplicado pelos sofrimentos e destruições da guerra, varre com uma violência inaudita a velha ordem social, suas instituições e seus representantes. A palavra de ordem “todo o poder aos soviets” responde a tal ponto às aspirações de milhões de homens que, durante a guerra civil, os camponeses, descontentes com as requisições de trigo e com a proibição do comércio livre dos grãos, revoltam-se nos quatro cantos do país contra o governo bolchevique, opondo sistematicamente o poder de seus próprios soviets aos soviets dos comunistas.

Trotski, que comandou o Exército Vermelho e as operações militares durante toda a guerra civil, escreve em 1938, em *Nossa moral e a deles*: “A guerra civil é a mais cruel das guerras. Ela não existe sem violências contra terceiros e, considerando a técnica moderna, sem o assassinato de velhos e de crianças.” Se uma guerra entre Estados confronta dois adversários e termina com um tratado mais ou menos leonino em detrimento do vencido, que, em geral, não coloca em jogo sua existência (perda de territórios, reparações de guerra), em uma guerra civil, o adversário está em todo lugar, pois as forças sociais em luta se encontram de cada lado de uma linha de frente sempre móvel; o final dessa guerra encarniçada é a vitória ou a morte. A derrota significa a aniquilação do vencido, como mostrou a Comuna de Paris, cuja história trágica fora estudada minuciosamente pelos bolcheviques. Na Rússia, nutrida por um ódio selvagem dos camponeses-soldados ao “senhor das terras”, imagem simultânea do proprietário rural e do oficial, a violência vem primeiro de baixo. Isso ocorre, por exemplo, em Rostov do Don, no final de janeiro de 1918, quando os soldados abatem cerca de 3.400 oficiais e, alguns dias depois, aproximadamente 2 mil em Novocherkassk, ao passo que Trotski buscará utilizar os oficiais czaristas para enquadrar o Exército Vermelho. Em Sebastopol, um pouco mais tarde, os marinheiros, enfurecidos, cortam a genitália e as mãos de várias centenas de oficiais suspeitos de terem



pertencido em 1905-1906 às cortes marciais que enviaram à força dezenas de marinheiros revoltados.

Trotsky acrescenta: “A guerra é tão inconcebível sem mentira quanto uma máquina sem lubrificação.” Ela exige o emprego de técnicas múltiplas para enganar e desmoralizar o adversário, mesmo potencial. A propaganda é uma arma de guerra e, evidentemente, todos os campos em luta recorreram a ela. Em uma guerra civil, mais ainda do que em uma guerra entre Estados, a palavra é uma arma: o panfleto, o cartaz e o jornal são instrumentos de guerra. Na primavera de 1921, quando os bolcheviques esmagam a insurreição camponesa de Tambov, não utilizaram apenas canhão e metralhadoras. Para tentar separar a massa dos camponeses – majoritariamente semianalfabetos – dos revoltosos, eles editam 326 mil exemplares de 10 panfletos, 109 mil exemplares de 11 brochuras, 2 mil de uma bandeirola, 15 mil exemplares de cada um dos 12 números do jornal *O Agricultor de Tambov* e 10 mil exemplares de cada um dos 16 números do jornal especial da direção política do exército. O material de agitação e propaganda, independentemente de sua origem, é um documento histórico, mas deve evidentemente ser examinado com prudência, já que é, acima de tudo, um instrumento de combate político.

Quando o cineasta húngaro Miklos Jancso rodou seu filme sobre a guerra civil, deu-lhe o nome de *Vermelhos e Brancos*. O subtítulo da primeira edição do filme era *Exércitos camponeses vermelhos, brancos e verdes*, porque a guerra civil confrontou não somente os Vermelhos e os Brancos, mas também dezenas de exércitos de camponeses insurgidos, chamados de Verdes, que se opuseram a estes e àqueles e até mesmo entre si. Porém, com o tempo, seus vestígios foram se apagando quase completamente na História. Contrariamente ao que afirmam certos historiadores, esse fenômeno não foi ocultado nos primeiros anos após a guerra civil. Na década de 1920, por exemplo, quem quisesse aderir ao Partido Comunista, devia indicar, em um questionário, se havia servido durante a guerra civil no Exército Vermelho, Branco ou Verde. Os historiadores soviéticos dessa década se debruçaram sobre essa realidade, como no número de agosto-setembro de 1924 da revista de História *Proletarskaia Revoliutsia*, que inicia com três artigos sobre o Exército Verde: “A Insurreição de Ijevsk-Votkino” do verão de 1918, “O Exército Verde e a região do mar Negro” e “Os partidários verdes”... Quando Stalin passou a se ocupar da História,

em 1929 – depois de assumir o poder no Partido após liquidar a oposição de esquerda “trotskista” e a oposição de direita buhkariniana –, ele apagou a existência dos Verdes em um relato da guerra civil manipulado e maniqueísta, sem nuances. Além disso, definiu Trotski e a maioria dos comandantes do Exército Vermelho (Tukhachevsky, Primakov, Yakir, Vatssetis) como os melhores aliados dos Brancos, ao passo que, na verdade, eles os haviam combatido e vencido.

Esses Exércitos Verdes, locais ou regionais, vão do pequeno destacamento volante de 500 a 600 homens até verdadeiras divisões armadas de canhões e de metralhadoras: a divisão de Grigoriev reúne 15 mil homens; o exército de Makhno, na Ucrânia, de 25 a 30 mil e chega a ter, em 1919, mais de 50 mil homens; o de Tambov, comandado por Antonov, varia de 18 a 40 mil conforme o período. O “exército popular” da Sibéria ocidental reúne cerca de 100 mil, em 1921, e obedece, assim como o de Antonov, a comandantes diversos, ciosos de sua autoridade local e obstinados em defender suas prerrogativas e títulos. São formados por camponeses, movidos por uma dupla rejeição:

- a rejeição à conscrição decidida pelos diversos exércitos (pelo Exército Vermelho a partir de junho de 1918, pelos Exércitos Brancos ou pelos efêmeros exércitos “nacionais populares” criados aqui e ali por coalizões antibolcheviques). Os desertores formam bandos de saqueadores, acolhidos com mais ou menos simpatia pelos vizinhos, que lhes dão comida. Quando são da região, eles ajudam os camponeses na sementeira ou na colheita. Quando vêm de outro lugar, são rejeitados e denunciados pela população, que saqueiam para se alimentar;
- a rejeição às requisições dos “excedentes”, até mesmo de quase toda a colheita, ordenadas pelo governo de Moscou para alimentar o exército e as cidades, que padecem de fome; a revolta contra os comitês de camponeses pobres, que se apossam frequentemente de tudo que cai em suas mãos, e contra os destacamentos de requisição e seus métodos em geral expeditivos diante da recusa maciça dos camponeses de fornecer o trigo, já que a cidade, onde a indústria funciona quase que só para o Exército Vermelho, não tem mercadorias para lhes dar em troca; a rejeição ao monopólio estatal do comércio engendrado

pela guerra civil; a rejeição às “comunhas” (fazendas coletivas, futuros *kolkhozes* ou *sovkhoszes*); a revolta contra a “ditadura comunista”, contra o “regime dos comissários e dos judeus”, a favor dos soviets (camponeses) sem comunistas.

Os bolcheviques chamam esses Exércitos Verdes de “bandos” e de “bandidos” e os qualificam, sobretudo na Ucrânia, de “*anarcokulaks*”, ou seja, representam os interesses de uma camada remediada de camponeses que recusa a lei do Estado. Volin, o historiador anarquista do exército de Makhno, esclarece:

No decorrer das lutas internas na Ucrânia – lutas confusas, caóticas e que desorganizaram completamente a vida do país –, abundavam formações armadas, compostas de elementos simplesmente desclassificados e ociosos, guiados por aventureiros, saqueadores e “bandidos”. Essas formações recorriam a uma espécie de camuflagem: seus partidários usavam frequentemente uma fita negra e se diziam “makhnovistas”.

Bandos desse tipo existem em todo lugar e assumem, em geral, cores políticas revolucionárias: exército popular, exército camponês revolucionário etc. É muitas vezes imprecisa a fronteira entre grupos de camponeses revoltados que requisitam ou roubam para se alimentar e bandos de meros saqueadores que brandem a bandeira vermelha ou negra para justificar suas exigências. Nem sempre a população tem como saber a diferença.

Alguns desses grupos ou exércitos de partidários, ainda que preocupados com sua autonomia, integraram por um período o Exército Vermelho antes de romper e se opor a ele: foi o que aconteceu, em especial, com as tropas dos ucranianos Makhno, Grigoriev, Zeliony e Grebionka.

Desses Exércitos Verdes, somente o de Makhno, que se dizia anarquista, permaneceu na memória. Os camponeses ucranianos de seu exército tinham uma aversão profunda ao Estado, aos seus representantes e à cidade que os acolhia, que viam como parasitas que se alimentavam às suas custas. Makhno deu uma forma brutal e peculiar a essa aversão. Foi o único chefe verde a sobreviver à guerra civil; conseguiu fugir da Rússia e se instalou em Paris, onde escreveu memórias bastante incompletas parcialmente traduzidas para o francês.

Os outros chefes verdes desapareceram sem deixar lembranças, como o jovem socialista-revolucionário Antonov, que comandou a insurreição camponesa da região de Tambov em 1920-1921, antes de ser morto em junho de 1922. Deve-se incluir Boris Savinkov, ex-chefe-adjunto do governo provisório, Kerensky, socialista-revolucionário, ex-terrorista, grande criador de complôs antibolcheviques de 1917 a 1924, autor de *Memórias* e que, em 1920, comandou por um tempo um pequeno exército de camponeses que qualificou de “verde”. Embora seu recrutamento tenha sido “verde”, Savinkov era um autêntico “Branco”. Cabe contar também, entre os exércitos “verdes”, os movimentos nacionalistas, como o dos *basmachi* da Ásia central? Do mesmo modo que os Exércitos Verdes ucranianos, eles conjugam aspiração nacional (contra Moscou e os russos) a aspirações sociais (o protesto dos camponeses, no mínimo remediados, pela liberdade de comércio e contra a ditadura da cidade).

Esses líderes de exércitos locais ou regionais efêmeros não puderam escrever suas memórias antes de desaparecer; portanto, para evocá-los, é preciso recuperar os relatos de seus adversários – e vencedores – Vermelhos e Brancos, definidos pelos “Verdes” como bandidos. Hoje, a partir dos arquivos das ordens do dia, pode-se acrescentar a esses relatos proclamações, declarações e apelos de líderes verdes. Embora esses textos não tenham o aspecto vivo que as memórias apresentam, tampouco têm seu caráter de autojustificativa tão frequente.

Este resgate da guerra civil não pretende fornecer um relato completo nem mesmo de seus episódios importantes. Ele visa apenas, por meio dos depoimentos e documentos dos diversos protagonistas, fornecer uma imagem verdadeira da guerra, reconstituir alguns de seus acontecimentos essenciais e restituir a atmosfera de uma guerra civil, caleidoscópio de cargas de cavalaria com sabre em punho, trens blindados, salvas de canhão, execuções de reféns e de prisioneiros, em meio à pilhagem, fome, frio, cólera e tifo, que arrasam cidades e vilarejos e dizimam os exércitos, sem contar a gripe espanhola que se abateu sobre a Europa a partir da primavera de 1917 e deixou milhões de mortos...

\* \* \*



Antes de iniciar esse relato, lembremos que os bolcheviques dividiam os camponeses em três categorias de fronteiras mais ou menos imprecisas e com definições variáveis: *grosso modo*, os camponeses pobres, sem terras ou com um lote pequeno demais para garantir a subsistência da família (os Brancos os apresentam sistematicamente como preguiçosos e bêbados), os camponeses médios, que possuem uma propriedade de tamanho suficiente para prover sua subsistência, podem dispor de alguns excedentes comercializáveis e utilizam apenas mão de obra familiar sem nenhum empregado assalariado, e o camponês rico ou *kulak* (palavra utilizada desde antes da guerra na Rússia czarista), definido por possuir uma propriedade que emprega mão de obra assalariada e cavalos de tração, alugados em parte às categorias inferiores de camponeses, e recursos mecânicos diversos (um moinho, por exemplo, que aluga aos outros). Às vezes, há uma categoria intermediária entre o camponês médio e o *kulak*: o remediado.

As forças políticas que combatem entre si ou que desempenham um papel na guerra civil são essencialmente as seguintes:

- os cadetes, membros do Partido Constitucional-Democrata, partido monarquista liberal fundado em 1906 e que deve seu nome às iniciais em russo (KD). Continuou participando dos diversos governos provisórios, e seus principais dirigentes são Miliukov, Nabokov – o pai do autor de *Lolita*, Vladimir – e o cientista Vernadsky;
- os grupos monarquistas situados à sua direita, que se esforçam desde o mês de agosto, e mais ainda a partir de outubro de 1917, para constituir diversas organizações mais ou menos conspiradoras, frequentemente efêmeras e que ressurgem com outros nomes. É difícil avaliar sua força real;
- os Socialistas-Revolucionários (SR), grupo fundado em 1903, participaram do governo provisório a partir de maio. Esse partido influente no campesinato recebe 44% dos votos nas eleições para a Assembleia Constituinte de novembro de 1917. Mas esse resultado é um tanto enganador, pois, desde o estabelecimento das listas eleitorais, o partido se dividiu. Em julho, constituiu-se uma ala esquerda de SR internacionalistas. Durante o 2º Congresso dos Soviéticos, em outubro de 1917, a direção dos SR decide abandoná-lo em protesto contra a tomada do

Palácio de Inverno, sede do governo provisório, pelos destacamentos bolcheviques. Os 176 delegados de esquerda que permaneceram no congresso são excluídos e fundam o partido dos SR de esquerda, dirigido por Maria Spiridonova, Prochian, Kamkov e Natanson, que reúne cerca de 70 mil militantes, ou seja, um décimo do partido SR, não elegíveis nas listas SR anteriores.

Os SR de direita, majoritários, são liderados por Victor Chernov, ministro da Agricultura do governo provisório, e por Mikhail Gotz. Favoráveis à continuação da guerra ao lado das potências aliadas e hostis à divisão das terras pelos camponeses antes de uma reforma votada pela Assembleia Constituinte, eles consideram a Revolução de Outubro uma contrarrevolução e qualificam o bolchevismo de “despotismo asiático”, “oligarquia militar-burocrática”, “tirania de caserna reacionária”, “sistema policial odioso”. Victor Chernov define o regime soviético como um sistema plebeu que marca a ascensão da “multidão” (*okhlos*, em grego) em detrimento do “povo” (*demos*) e que repousa em uma mistura de jacobinismo e anarquismo, de voluntarismo político e gosto desenfreado pelo poder. Os SR contrapõem aos soviets a legitimidade da Assembleia Constituinte de janeiro de 1918, única, em sua opinião, detentora legal do poder;

- os mencheviques, originalmente ala direita do Partido Operário Social-Democrata Russo, cuja denominação eles mantêm, dividem-se em uma direita favorável à continuação da guerra e uma esquerda, liderada por Martov, internacionalista, contrária a isso. Para eles, a Revolução de Outubro é uma aventura; pensam que a Rússia, dado seu atraso econômico, deveria sofrer uma revolução democrática burguesa, que abolisse os resíduos de feudalismo e instaurasse uma república parlamentar; o bolchevismo força, portanto, o rumo da história. Porém, para os mencheviques de esquerda, o sistema oriundo da Revolução de Outubro deve ser defendido por suas reformas democráticas (separação da Igreja e do Estado, instauração de um registro civil e direito ao divórcio civil estabelecido pouco depois, fim da guerra, terra para os camponeses, nacionalização da economia). Desse modo, a maioria dos mencheviques se recusa a aderir ao campo dos Brancos monarquistas, exceto por um membro do comitê central,

Ivan Maisky, excluído por essa razão. Julius Martov fica no Soviete de Moscou até partir para a Alemanha em 1921. Outro grande líder, Fedor Dan, serve como médico no Exército Vermelho. Ao mesmo tempo, eles organizam algumas greves, e a maioria tenta permanecer neutra entre os campos em disputa;

- o Partido Bolchevique, originalmente ala esquerda do Partido Operário Social-Democrata Russo, constituiu-se em outro partido em janeiro de 1912. Ascende ao poder em outubro, após uma batalha permanente entre as palavras de ordem “todo poder aos soviets” e “pão, paz, liberdade”. Todos os seus líderes na época, até mesmo Stalin, o futuro pai do “socialismo em um único país”, veem na Revolução de Outubro uma etapa de uma revolução mundial impulsionada pela guerra mundial, convulsão mortal de um capitalismo que chegou ao estágio supremo do imperialismo, conforme o título da obra publicada por Lenin em 1916, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*;
- por fim, existem grupos de anarquistas em várias dezenas de cidades da Rússia, particularmente em Kronstadt e Moscou. O único com um papel efetivo na guerra civil será o exército insurrecional comandado por Nestor Makhno.

## Nota

<sup>1</sup> Dissidente soviético.